

Abaixo das Nuvens¹

Lucas M. Carvalho

...

- Ele está vivo?
- Ainda está. Parece que foi intoxicado, deve ter comido um dente do diabo.
- Então veja se ele tem algo de valor.
- Um Winchester muito bom... Um gole d'água, um pouco de carne fresca...
- Olhe dentro da bolsa.
- Certo... Uma caixa de fósforos com um palito só... Olha isso, Adamastor, um aparelho de rádio!
- Dê-me essas botas, parecem muito boas.
- Eu vou ficar com o radinho.
- Você é quem sabe.
- Atira nele para que morra logo.
Senti alguém empurrar meu corpo com o pé, me virando de barriga para cima. Ouvei o som de um tambor de revólver recarregando...

Levei um tiro.

O disparo foi na altura da barriga, e senti o sangue espirrar para o alto e a bala furiosa perfurar e destruir tudo o que havia pela frente. Foi uma sensação tão intensa que arregalei os olhos e voltei violentamente para a realidade, distinguindo as pessoas que estavam de pé em volta de mim. Meu corpo ficou mole, e eu não tinha forças para me erguer ou falar nada, apesar de continuar vendo e ouvindo tudo, naquele terrível estado de impotência.

- Ainda não morreu. – disse o homem mais alto. O outro, o que me atirara primeiro, aparentemente embriagado, ergueu o revólver novamente, porém uma terceira pessoa, uma mulher, interferiu sussurrando algo em seu ouvido.

- Você tem certeza disso? – perguntou ele. Ela fez que sim com a cabeça e ele baixou a arma – Ah, então que seja...

- O que foi agora? – perguntou o outro.

- Vamos levar esse homem conosco.

- Ah, entendi... – o outro pareceu aborrecido com a notícia – Deixe-me ver se os estragos são reparáveis...

Ele se dobrou sobre mim e apertou com força minha ferida encharcada de sangue quente.

- A bala bateu na costela e quebrou uma parte, mas não está alojada. Vou precisar que faça uma fogueira e aqueça um pedaço de ferro para cauterizar e estancar o sangramento.

- Mulher, acenda o fogo para que Santiago tente resolver o problema.

Ela baixou a cabeça e obedeceu. Enquanto preparava a fogueira, observei os três viajantes. Os dois homens tinham barba e cabelos grandes, pele enrugada e grosseira, dentes podres, mãos calejadas, e usavam chapéis de couro, bolsas e cinturões. Dois bois de carga vinham com o grupo.

A mulher também usava chapéu; não pude descobrir sua idade, mas não devia ser muito velha. Tinha a pele negra, traços finos – como uma índia – e seus cabelos talvez fossem lisos se não estivessem tão sujos e desgrenhados. Ela tinha um aspecto sofrido, aparência descuidada e surrada, mas com alguma beleza natural – apesar de

¹ Trecho selecionado do livro *Abaixo das nuvens* (Rio de Janeiro: Dracaena, 2012).

muito diferente das figuras femininas perfeitas e artificiais com as quais estamos acostumados.

Minutos depois o homem embriagado trouxe sua própria faca incandescente e entregou-a ao outro, que a colocou em minha ferida sem pestanejar. Era horrível gemer de dor sem ter força nos pulmões para produzir um som real. Depois senti ele mexer na ferida com os dedos, jogar um líquido que ardeu e espumou e enrolar meu dorso com um pano.

- Vamos, coloque-o sobre o animal! – Adamastor gritou com a mulher e empurrou-a com força, e novamente ela apenas o obedeceu. Arrastou-me um pouco, e com ajuda do outro homem, Santiago, me ergueu e colocou nas costas do boi. Usaram uma corda para amarrar meu corpo bem apertado, para que não pudesse cair para nenhum dos lados.

- Ele parece muito mal mesmo. – disse Santiago.

- Faça de tudo para salvá-lo, quero me livrar logo disso. – contrapôs Adamastor, lançando um olhar hostil para a mulher.

- Eu sou médico, mas também não faço milagres. Vou injetar algumas doses de antibiótico e aplicar um antídoto. Mesmo assim ele não me parece ser muito resistente...

Ele usou uma seringa para drenar um líquido transparente de uma ampola e injetou no meu braço, secando a ponta da agulha e a guardando novamente. Sobre as costas do outro boi havia muitos objetos amarrados e cobertos com pano e lona de plástico, e dali ele tirou uma garrafa com água e derramou em minha boca.

...